

FELIPE NETO

COMO
ENFRENTAR O

ODIO

Índice

Um dia para não esquecer	9
O policial comandado	12

PARTE I: A ORIGEM DO ÓDIO

Cego pelo ódio	17
Luz, câmera, ação	24
A ascensão do ódio brasileiro	27
A Lava Jato e as eleições de 2014	35
O golpe	37
Enfrentando o conservadorismo	41
Novos tempos, novos públicos	44
Quem é esse maluco?	48
Surge um líder para a extrema direita	53
Conteúdo impróprio	57
Uma pulga atrás da orelha	60
A hora de me posicionar	62

PARTE II: COMUNICAÇÃO COMO ARMA

A história ensina (ou não)	67
Um candidato feito sob medida	70
A extrema direita no ambiente digital	72
A instrumentalização das fake news	85

PARTE III: ENFRENTANDO O ÓDIO

Luta diária	93
A importância de artistas e comunicadores no enfrentamento ao neofascismo	96
Inacreditável!	100
Agora virou deboche com a cara do povo	104
O começo das grandes mentiras	107
O Gabinete do Ódio	111
O extremo ódio digital: chans	120
Sou acusado de vínculo com terrorismo e assassinatos de crianças	127
“Felipe Neto odeia cristãos”	130
Sou eu que odeio crianças?	133
A ruína definitiva da Lava Jato	135
O poço não tinha fundo	142
A ruína definitiva do meu ódio	145
A casa não caiu porque Jair interferiu	148
A Bienal do Livro e como me tornei um dos maiores inimigos do bolsonarismo	152
A nova realidade	164
Existem ameaças e ameaças	170
O policial comandado, primeiro ato	176
“Abraço e beijo na sua mãe”	178
É hora de enfrentar com mais força	182
Processos vencidos fazem história	186
O paradoxo da intolerância	189
A medalha	193
A associação com pedofilia dispara	195
Plataformas lucram com o ódio, mas perdem dinheiro com direitos autorais	198

PARTE IV: GOVERNO ASSASSINO

Tudo muda da noite para o dia	207
Pandemia, cloroquina e caos	209
Participação política na regulamentação da internet	218
<i>Roda Viva</i> : crescem os ataques	222
<i>The New York Times</i> e a projeção internacional	229
Como ajudar quem é perseguido pela articulação do ódio	233
O ataque à minha casa	235
“Estamos sendo vítimas de censura!!!”	238
A perseguição continua	240
O verdadeiro pedófilo	242
<i>Time</i> 100	245
O Gabinete do Ódio não era mais suficiente	247
Detratores, VERO e o futebol na pandemia	253
Genocida!	255

PARTE V: VENCENDO O ÓDIO

Recuar ou lutar	261
Lutar	263
Cala Boca Já Morreu	268
O fim da Lei de Segurança Nacional, Daniel Silveira e Pablo Sartori	271
Perguntas, respostas e a certeza da vacina	273
O fim de Olavo de Carvalho	276
O caos das fake news	278
Ameaça física	283
É hora de entrar na disputa	284
Debates e fake news no primeiro turno	292
O encontro com Lula e o perdão de Dilma	294
Chegou a hora!	299
A estratégia para o segundo turno	305
O Chupetinha	309
O que define um “discurso de ódio” e qual o limite para a luta contra ele?	314
Enfrentando o ódio com toda a força	316

Desmentindo mais fake news	322
Pintou um clima?	327
A volta de Nikolas	330
O combate da extrema direita à pedofilia	333
“Censura! Estamos sendo censurados!!!”	335
Tiros e bombas contra policiais federais	340
Cai a casa de Nikolas Ferreira	342
Carla Zambelli e a bala de prata	346
O cancelador	351
O resultado	353
Vencemos mesmo?	356
A tentativa de golpe	358
O fim de Jair Bolsonaro	361
Censura! Censura! Censura!!!	363
O fim	366
Epílogo	369
Notas	373

Um dia para não esquecer

Naquela segunda-feira, 15 de março de 2021, fazia sol no Rio de Janeiro. Eu tinha acordado tarde, hábito que viria a mudar depois da pandemia. Por volta do meio-dia, me sentei em frente ao computador para trabalhar.

O isolamento social imposto um ano antes começava a abalar minha saúde mental. Preferia ficar sozinho na maior parte do tempo e às vezes passava mais de dez horas seguidas trabalhando, estudando, publicando e gravando conteúdo para o meu canal do YouTube. No ano anterior, eu havia feito uma série de vídeos ambientados no jogo *Minecraft* que se tornara um sucesso. Assim, gastava um bom tempo assistindo a tutoriais e utilizando aquele ambiente tridimensional em cubos para criar meu próprio mundo de fantasia, com histórias e aventuras envolvendo um homem, um cão e um gato, explorando cenários diferentes e descobrindo o prazer da imaginação.

Estava entretido com isso quando me avisaram que um carro da polícia estacionou na porta de casa. Pausei o jogo e tirei o fone de ouvido. Eu não ignorava os riscos de enfrentar o poder, sobretudo o da extrema direita. Quando se combate um governo, pode acontecer de tudo, eu sabia. Quando chega a retaliação, porém, de nada adianta você ter se preparado: não vai se sentir apto a lidar com a situação.

Desci as escadas devagarinho. Meu escritório era no terceiro andar, e isso me deu algum tempo para refletir. Por que a polícia estaria me procurando? Até então, todos os processos em que eu estivera envolvido tinham sido entregues por oficiais de justiça, até intimações criminais.

“O que eu fiz?”, eu me perguntava. Absolutamente nada. Pelo menos nada que pudesse resultar em prisão. A não ser que fosse mais uma tentativa de me prender ilegalmente, como já acontecera alguns meses antes.

Cheguei à porta, uma policial me aguardava do lado de fora. Ela vestia calça jeans escura justa e camisa social branca. Senti um alívio enorme; não eram personagens como ela que eu via no noticiário quando alguém era preso. Ela segurava um envelope grande, pardo, e tinha uma expressão meio impaciente, como se quisesse acabar logo com aquilo. Esboçou um sorriso quando abriu a porta de vidro que dava para o jardim.

“Boa tarde, sr. Felipe”, ela disse, cordial.

“Boa tarde. A senhora é da polícia?”, perguntei, na esperança de que se tratasse de mais uma oficial de justiça trazendo mais um processo.

“Sim, senhor, sou policial civil do estado. Trouxe uma intimação.”

Então estendeu o envelope, que peguei com a mão firme, interpretando um personagem de muita coragem enquanto suava em bicas e ao mesmo tempo sentia frio.

“Estou sendo intimado por quê?”

“O senhor vai encontrar todas as explicações dentro do envelope. Vai ter que comparecer à delegacia na quinta-feira para depor.”

Na hora imaginei a repercussão. Fotógrafos me esperando do lado de fora da delegacia, eu sendo exposto ao ridículo e chamado de criminoso, como eles vinham tentando fazer havia tempos. Seria mais uma mancha na minha reputação, já comprometida com tantas mentiras. É assim que o assassinato de reputações muitas vezes funciona: bombardeiam o alvo sem parar, até que as pessoas se cansam e presumam que ele não merece ser levado a sério.

“A senhora pode me dizer por que eu preciso ir à delegacia?”, perguntei, querendo ligar para o meu advogado o quanto antes.

“Para prestar depoimento. O delegado quer ouvir o senhor para concluir a investigação.”

“Mas posso saber do que estou sendo acusado?”

A mulher refletiu por alguns segundos. Eu não sabia se ela me admirava ou me execrava, mas dava para ver que não se mostrava indiferente.

“Olha, sr. Felipe”, ela media cada palavra. “Só posso dizer que não queria estar aqui.”

Senti empatia. Sorri e agradeci.

Corri para dentro de casa e abri o envelope. Havia uma única folha:

MANDADO DE INTIMAÇÃO

O Delegado de Polícia PABLO DACOSTA SARTORI [...] intima FELIPE NETO RODRIGUES VIEIRA a comparecer ao DRCI (endereço) no próximo dia 18/03, às 13:00, a fim de prestar declarações, no procedimento investigativo número 218-00320/2021 iniciado em 10/03/2021 para apurar:

Crimes Contra a Segurança Nacional (Lei 7.170/83) — Autor

[...] ficando o intimado advertido de que, não comparecendo no dia e hora determinados, sem justificativa, incorrerá no crime de Desobediência, previsto no Artigo 330 do Código Penal.

No dia 15 de março de 2021, o governo de Jair Messias Bolsonaro, por intermédio da Polícia Civil, me acusava de crimes contra a segurança nacional e associação criminosa. Pela primeira vez na vida, enquanto olhava para aquele papel, completamente atônito e esquecendo de respirar, pensei: “Vou ser preso”.

O policial comandado

Não aconteceu da noite para o dia. Até aquele momento, já haviam procurado me silenciar muitas vezes. Se não era a primeira acusação de crime grave que me imputavam, pelo menos era a primeira vez que eu senti de fato que poderia ser preso.

Quando li a intimação, mais do que os supostos crimes de que eu era acusado, foi outra coisa que me chamou a atenção. Os crimes em si eu sabia se tratavam de um engodo, uma farsa, mero subterfúgio para tentar me prender. O pedido de quebra de sigilo telemático tampouco me surpreendeu; a polícia queria ter acesso a todas as minhas mensagens privadas. O que mais me chamou a atenção foi um nome escrito em letras maiúsculas: *Delegado PABLO DACOSTA SARTORI*.

Eu conhecia aquele nome de algum lugar, embora não conseguisse lembrar de onde. Sabe quando assistimos a um filme e nos deparamos com um ator que temos a certeza de já ter visto mas não conseguimos lembrar em qual filme? A gente fica com umacoceirinha cerebral, um incômodo que só vai embora depois de uma pesquisa no celular.

Foi o que fiz.

O tal delegado comandava a Delegacia de Repressão a Crimes de Infor-

mática e parecia alinhado ao governo, embora de maneira discreta. Não tinha sido acusado de práticas criminosas, mas tudo indicava que agia para perseguir opositores da gestão de Jair Bolsonaro.

E foi aí que a ficha caiu.

Era o mesmo delegado que, quatro meses antes, no dia 6 de novembro de 2020, havia concluído outra “investigação” sobre mim e me indiciara pelo crime de “corrupção de menores”, que é quando alguém induz (ou facilita, ou obriga) um menor de idade a cometer crimes em geral associados a prostituição, venda de drogas, entre outros.

O mesmo delegado. O mesmíssimo. Responsável pelas duas acusações mais sórdidas que o sistema legal brasileiro me imputou.

Naquela noite, pouco dormi. Não por medo.

De ódio.

PARTE I
A ORIGEM DO ÓDIO

Cego pelo ódio

O ódio cega, controla, não permite o contraditório. O ódio pode nascer do desejo por vingança após uma injustiça, da explosão de amor por um time do coração, entre outros. No meu caso, ele se devia à minha ignorância da história do Brasil e à influência de familiares que repetiam mentiras que eles mesmos não sabiam serem mentiras.

Nasci no Morro da Laranja, bairro do Engenho Novo, zona bastante desfavorecida da cidade do Rio de Janeiro, longe dos cenários de cartão-postal. Eu já era adulto quando a rua onde cresci foi asfaltada, e volta e meia faltava água. Desde pequeno vi como funciona o descaso do poder público pela população mais pobre. Apesar da situação difícil, ainda era um homem branco de família branca, e a realidade do meu contexto familiar se mostrava muito diferente daquela de outras pessoas do subúrbio, sobretudo as negras.

Não chegamos a passar necessidade, mas enfrentávamos o dia a dia com aperto. Minha mãe trabalhava como secretária em uma creche-escola, numa jornada de doze horas de trabalho sem ganhar hora extra, e vivia sempre atolada em dívidas de cartões de crédito, que ela usava apenas para o supermercado. Apesar dos percalços, éramos felizes.

Meus avós maternos, dona Maria e seu Francisco, ambos operários da

indústria têxtil, eram portugueses e vieram tentar a vida no Brasil em meados da década de 1950, de navio, trazendo meu tio, então com cinco anos. Minha tia nasceu em 1957 e minha mãe, Rosa, em 1965. Eles passaram temporadas alternando entre os dois países, até que decidiram fincar raízes no Rio em 1982 e compraram a casa onde eu moraria por 22 anos.

Em 1987, aos 21 anos, Rosa engravidou por acidente de um rapaz de dezenove, Alexandre, e assim eu vim ao mundo. Meu pai pediu o divórcio três meses depois do casamento, e minha mãe voltou para o Engenho Novo, onde passamos a morar todos nós — ela, eu recém-nascido, minha avó, meu avô, minha tia, seu marido e suas quatro filhas — em uma casa de dois quartos. Meu tio morava no terreno dos fundos com a esposa e um filho.

Para lidar com a falta de espaço, meu avô deixou a casa para a família da minha tia e construiu uma edícula (que chamávamos de “cassinha”) para o restante da família, com uma saleta, um banheiro e um quarto. Era apertado, mas era o teto que podíamos ter. Teríamos ficado ali por bastante tempo, não fosse um assalto à casa principal que faria com que minha tia decidisse voltar para Portugal em 1989. E então ficamos só eu, mamãe, vovó e vovô, mais a família do meu tio nos fundos. A edícula se tornou um anexo que viria a ser meu pequeno escritório e onde eu gravaria meus primeiros vídeos para o YouTube. Em 1991, minha mãe se casou de novo e engravidou do meu irmão, Luccas, que nasceu em 1992. No ano seguinte meu avô morreu de forma inesperada, vítima de um AVC. Mesmo abalada minha família se reergueu, sempre oferecendo amor, aceitação e carinho. Meu pai e a família dele também foram extremamente presentes, em geral durante os períodos de lazer e férias, mas também na educação.

Minha mãe trabalhava muito mais do que era concebível para um ser humano. Acordando todos os dias às 5h45 e voltando para casa às 19h30, não sobrava tempo para que ela pudesse se aprofundar em assuntos como a política. Nessa área, até por ter entrado na faculdade de direito, quem fazia a cabeça da família era meu tio.

O mantra “é só plantar que irá colher” guiava nossos dias. Eu não acreditava em sorte, muito menos que os políticos deveriam se meter em qualquer coisa, afinal eles nunca ajudaram minha mãe. Como trabalhava e tinha um pequeno salário, ela não tinha direito a nenhum auxílio, o que me fazia acreditar, revoltado, que “ajuda do governo é coisa pra vagabundo que não quer trabalhar”. Equivocado, eu acreditava que só trabalhadores deveriam receber

algum auxílio, o que contemplaria minha mãe e ajudaria minha família. Mas o governo só ajudava gente sem estudo e sem emprego, que eu via como “gente burra e vagabunda”, não “gente desfavorecida e marginalizada”.

Essas ideias não brotaram sozinhas na minha cabeça. Meu tio era um homem tradicional e conservador. Entrou na faculdade já depois dos quarenta anos, ascendeu e começou a ganhar dinheiro com escritório próprio de advocacia, transformando sua casa dos fundos em uma grande casa de três andares. Era um homem peculiar. Nutria um ódio gigantesco por governos de esquerda e dizia que Fernando Collor de Mello havia sido o melhor presidente da história do país. Para meu tio, Luiz Inácio Lula da Silva era o satanás personificado, um demônio comunista que comia bebês no café da manhã. Tudo que ele dizia ficava impresso na minha cabeça, e o mesmo ocorria com minha mãe, verdadeira esponja replicadora de tudo que chegava a ela pelo irmão.

Não acredito que ele seja uma pessoa ruim. Hoje consigo entender que meu tio também foi vítima, condicionado a pensar assim por todo um sistema de ideias, uma máquina de propaganda da meritocracia que vende que a direita é boa e a esquerda é má. “Vai por mim, basta se esforçar. Não acredite no Estado, não acredite em políticos, eles só ajudam os pobres para continuar no poder.”

Cresci alimentando o mais profundo ódio por tudo que se relacionasse à “esquerda”. Quando Luiz Inácio Lula da Silva tornou-se presidente do Brasil, eu tinha quinze anos e senti meu ódio disparar. Também não ajudou que o primeiro governo Lula tenha sido manchado pelo escândalo do Mensalão, em 2005, que resultou na cassação e renúncia de vários aliados do presidente. Acreditávamos que Lula era um corrupto, bandido, safado. Todo mundo que o cercava e que votava nele era igual. E só votavam nele porque eram comprados com o Bolsa Família.

Enquanto isso, nossa crença na meritocracia continuava inabalável. Por isso, comecei a trabalhar aos treze anos. Foi com essa idade que abri minha primeira “empresa”, um serviço de telemensagens. Juntei dinheiro de um emprego temporário numa loja que pertencia a meu avô paterno e que vendia utensílios de metal para camelôs no Centro da cidade, comprei o equipamento, anunciei no jornal, mas a empresa não deu certo — é óbvio, eu tinha treze anos... Aos catorze conheci o mundo do design gráfico e comecei a desenvolver sites, logotipos e todo tipo de arte visual. Aos quinze, consegui um estágio como designer de interface.

É curioso como o meritocrata precisa encontrar desculpas para justificar o suposto fracasso daqueles que ama. Afinal, se para enriquecer basta a gente se esforçar e ser inteligente, por que minha mãe continuava pobre? Ela seria menos inteligente, menos esforçada? Ora, dona Rosa trabalhava mais de doze horas por dia, sem cobrar hora extra, e era tão inteligente que, sem qualquer diploma de curso superior, foi alçada ao cargo de coordenadora após uma década de dedicação. Não faltava por doença, vendia as férias para botar mais dinheiro dentro de casa, ou seja, não parava em momento nenhum. Além disso, dizer que minha mãe teria qualquer déficit de inteligência seria uma tremenda inverdade. Dotada de uma extraordinária capacidade de leitura, que herdei parcialmente, ela devora livros a uma velocidade quase sobre-humana, e acabou entrando na faculdade de pedagogia. Formou-se em 2008, com notas que deixavam a mim e a meu irmão com enorme vergonha. Sem exagero, dona Rosa ficava furiosa quando tirava 9,5.

Mas acreditar cegamente na meritocracia é um veneno tão corrosivo que por um tempo eu de fato supus que minha mãe não fosse dedicada ou inteligente o bastante para ficar rica. E a culpa seria inteiramente dela, que preferia ser uma simples funcionária a se arriscar e colher os frutos do capitalismo, sistema maravilhoso que pode deixar qualquer um milionário, basta querer e se jogar.

Quando eu era adolescente, ela brigou comigo porque eu não saía do computador e minhas notas estavam caindo. Retruquei que um dia eu ficaria milionário com aquilo tudo e que o problema era ela que não entendia. Dona Rosa respondeu prontamente: entendia o suficiente para saber que aquilo poderia comprometer meu futuro. Perdi a cabeça e explodi: “Do que você sabe? Você é uma *secretária*”. Ela começou a chorar e se defendeu aos gritos: “FOI ESSA SECRETÁRIA QUE TE SUSTENTOU ATÉ HOJE”. No mesmo instante percebi que tinha falado uma coisa horrorosa. Abracei minha mãe desesperado, pedindo perdão, mas o que eu havia dito não poderia ser desdito.

Hoje percebo que aquela fala não decorreu de um mero impulso, não foi dita impensadamente, mas era o reflexo de uma ideia que estava impregnada em mim. Se minha mãe era uma secretária que trabalhava doze horas por dia e não conseguia pagar as contas, a culpa era dela. Nem passava pela minha cabeça questionar que talvez o problema estivesse no discurso meritocrático, nas

desigualdades sociais que impactavam as oportunidades que cada pessoa tinha — afinal, por que tantas pessoas se esforçavam e mesmo assim não tinham como se sustentar? Para mim, pensar dessa maneira era papo de comunista. E comunistas queriam destruir a família e a sociedade, conforme meu tio havia me ensinado e eu mesmo tinha lido em diversos livros.

Tudo que eu lia ou assistia só reforçava o que eu já sabia: a esquerda é a vilã, a direita é a heroína. Desde os livros de George Orwell até os filmes de Hollywood, o que valia era essa interpretação do mundo. Mais tarde eu entenderia que isso é o “viés de confirmação”, que é quando só levamos em conta as opiniões que nos convêm. Como desde cedo eu fora inoculado com uma verdade absoluta, jamais a punha em xeque. Com o tempo, buscava em livros ou filmes apenas o que se alinhava às minhas convicções, descartando tudo que pudesse confrontá-las. Se meu professor de história pintava Collor com tintas não muito favoráveis, eu presumia que ele era mais um esquerdista imoral querendo desvirtuar a mente dos jovens. Se um autor questionava a direita, eu me mantinha longe daquele degenerado. Ignorava reportagens que falavam das grandes conquistas da gestão do Lula, feitos que eu considerava “sorte” ou “mentiras”. Já aquelas que apontavam erros e escândalos eu automaticamente presumia como verdadeiras. Nós queremos estar certos, então negamos tudo o que nos confronte e nos apegamos a tudo o que confirma o que supomos saber.

Minha principal discordância com meu tio era sua defesa da ditadura militar. Desde pequeno eu repudiava aquele período, sobretudo em função das torturas, das mortes e da censura artística e jornalística. E, diferentemente dele, sempre demonstrei grande interesse pela arte e pela cultura, incentivado pelo meu pai, que me levava a museus, espetáculos da Orquestra Sinfônica Brasileira e de balé. Na escola particular que frequentei graças ao esforço dos meus pais e avós, esse gosto se materializou no curso de teatro.

Eu amava o palco e sentia a arte em mim em cada gesto, mas sabia que a atuação era uma carreira difícil financeiramente, então optei pela área de design gráfico, que também tinha seu lado artístico. Mais do que uma paixão, a arte me proporcionou um sentimento e uma experiência que talvez eu jamais tivesse encontrado de outra forma: a rebeldia e o contato com o contraditório.

Comecei a fazer o curso de desenho industrial na faculdade, onde conheci muita gente de esquerda, e o estereótipo do “esquerdista monstruoso”

que eu havia construído ao longo da vida ficou balançado. Ainda que não admitisse mudar uma vírgula sobre meus “valores”, a convivência com aquelas pessoas foi um primeiro minúsculo passo para expandir minha visão. Aos vinte anos resolvi dar uma chance ao teatro e saí de casa para tentar a faculdade de artes cênicas, enquanto fazia meus trabalhos como designer. Foi aí que mergulhei de vez num mundo que nunca imaginava ser possível. Fosse contracenando em cenas homossexuais, fosse fazendo uma aula inteira com a turma toda nua, ou participando de festas em que as pessoas “perdiam a linha”, eu de repente me vi num ambiente que cresci ouvindo ser imoral, nojento e destruidor. O problema era que nada nem ninguém ali era nada disso — talvez só “imoral”, a depender de certos padrões. Mas, até aí, o que seria a moral? Será que essa tal moral era realmente positiva para a sociedade? Quem definia o que era moral ou não? Meu cérebro, que antes era um caldeirão de certezas, começou a virar um caldeirão de dúvidas.

Infelizmente, depois de um ano a falta de dinheiro me obrigou a voltar para a casa da minha mãe, quebrado e tendo que recomeçar. Eu havia fracassado em minha tentativa de ser ator, havia fracassado em ganhar dinheiro como designer, fracassara em uma empresa de design que tinha aberto com um sócio. Fracassei até mesmo em um site com notícias e downloads de seriados, o IsFreeTV, que eu administrava havia quatro anos e amava. Eu era um fracasso. E se tinha uma coisa que a vida tinha me ensinado era que, se eu tinha fracassado, a culpa era do PT.

Quase toda pessoa que acredita na meritocracia tem isso em comum. Quando consegue sucesso, o mérito se deve inteiramente a seu esforço. Contudo, quando fracassa, o meritocrata é o primeiro a não assumir a culpa. Foram os impostos, foi a burocracia, foi esse Estado inchado, foram os outros. Mas quando outra pessoa fracassa, nesse caso a culpa é só dela.

O ódio pelo Lula e pelo PT permanecia inalterado, mesmo depois das minhas incursões ao mundo da esquerda. Por mais que agora eu conseguisse enxergar as pessoas de esquerda como “normais”, nada tinha mudado na minha relação com a política. Aquele era um ódio muito mais enraizado e profundo, do qual nem mesmo a minha família paterna, que sempre votou no PT, conseguia me dissuadir.

Eu havia quebrado financeiramente em função da crise de 2008, que fez com que as empresas que me pagavam para fornecer serviços de design cor-

tassem essa despesa. Na televisão, via o Lula dizer que essa crise internacional seria apenas uma “marolinha” no Brasil. Eu havia perdido toda a minha fonte de renda e fora obrigado a voltar para o Engenho Novo por causa dessa “marolinha”. Minha rejeição àquele homem era imensa.

E eu seguiria com aquele sentimento até a criação do meu canal no YouTube, dois anos depois. Eu tinha 22 anos e estava exausto. Exausto de me sentir fracassado. Exausto de sentir tanto ódio o tempo inteiro. Tinha raiva de atores sem talento que faziam sucesso, tinha raiva de bandas que explodiam com músicas que eu considerava imbecis, tinha raiva da vida, da política, de tudo. Eu estava mais radical do que nunca, contra tudo e todos.

Luz, câmera, ação

Alguns anos antes eu havia tido uma ideia. Tudo que eu fazia na vida era teatro e design gráfico. Dominava a internet e sabia da minha capacidade de interpretação no palco. Por que não tentar unir as duas coisas? Algumas pessoas nos Estados Unidos já estavam começando a fazer isso. Existia até um nome: “videologger”. Era como ter um blog, mas em vídeo. Eu já estava frustrado e sem nenhuma perspectiva, não custava experimentar. Juntei um pouco de dinheiro e comprei uma câmera com um belo desconto, porque ela estava no mostrador da loja e já tinha sido muito manuseada pelos clientes.

Cheguei em casa e guardei a câmera no armário, e lá ela ficou até março de 2010. Foram dois anos acumulando poeira. Eu tinha medo de botar um vídeo na internet e me transformar em chacota, envergonhar minha família, ser visto apenas pelos amigos e mesmo assim passar vergonha. Acima de tudo, tinha medo do fracasso. Foi apenas dois anos depois que o ódio superou o medo e eu decidi que era a hora. Converti todo aquele ódio, todo aquele rancor, num personagem visceral que gritava o tempo inteiro com a câmera. Chamei aquele quadro de “Não Faz Sentido” e passei a escrever roteiros em que atacava, extremamente agressivo e bem-humorado, várias coisas que faziam sucesso entre os adolescentes, como a saga Crepúsculo, além de ati-

tudes e fatos que julgava nocivos à sociedade, como a corrupção no governo brasileiro. O sucesso foi astronômico, muito maior do que eu jamais poderia imaginar. Em poucos meses eu não podia andar nas ruas sem ser reconhecido. Invadi a casa de milhões de brasileiros. Revistas e jornais queriam falar comigo.

Ainda naquele ano, comecei a pôr para fora meu ódio ao PT e à esquerda brasileira. O ápice, para mim, era a candidatura de Dilma Rousseff para o pleito presidencial, que eu e meu tio entendíamos como uma artimanha de Lula para se manter no poder. Antes das eleições, gravei um vídeo em que condenei todos os candidatos, mas chamei Dilma Rousseff de “terrorista” — aludindo ao período em que ela militou em organizações armadas durante a ditadura militar. Embora eu não quisesse apoiar ninguém, ficou claro para quem assistiu ao vídeo que o meu ódio era reservado a ela em especial.

O canal deslanchou, comecei a faturar e assinei contratos publicitários, abrindo portas inéditas no Brasil. Fui o primeiro criador do YouTube a fechar uma publicidade em vídeo, na época para uma marca de chicletes. Também fui o primeiro a atingir 1 milhão de inscritos e a faturar valores mais relevantes com a monetização da plataforma. Agora que eu estava ganhando dinheiro, encontrava outras formas de responsabilizar o PT por qualquer coisa que desse errado em minha vida. Eu queria empreender, então culpava o governo Lula pelos impostos que tinha de pagar, gritando aos quatro cantos que era muito difícil prosperar neste país porque a esquerda queria que os empresários fracassassem.

Em outubro de 2010, Dilma Rousseff venceu José Serra e se tornou a primeira mulher eleita presidente da República Federativa do Brasil. Lamentei o resultado publicamente, mas não tive muito tempo para focar nisso, porque minha vida havia virado de cabeça para baixo. Voltei a morar sozinho, abri minha própria empresa de conteúdo no YouTube, a Parafernália, e prosperei bastante. Focada em criação de vídeos de humor, a Parafernália se tornou o primeiro canal brasileiro a atingir 2 milhões de inscritos no YouTube, ultrapassando o meu canal pessoal.

Em 2013, enquanto mapeava oportunidades de negócios no entretenimento brasileiro, conheci um modelo norte-americano de monetização no YouTube, o Multi-Channel Network (MCN). Eram empresas que, agenciando canais na plataforma, facilitavam que eles pudessem receber dinheiro com

seus vídeos, além de auxiliá-los em diversas outras frentes, como a venda de conteúdo publicitário e assessoria de imprensa. Aos 25 anos, fui até Los Angeles para uma reunião com o board executivo da gigantesca Maker Studios, que acabara de receber um robusto aporte de investimentos. Saí de lá com um acordo que mudaria a minha vida e abri a Paramaker, a união da Parafernália com a Maker Studios, que acabou se tornando um enorme sucesso no cenário do entretenimento brasileiro.

A ascensão do ódio brasileiro

Em junho de 2013, uma série de protestos tomou as ruas do Brasil, com desdobramentos que se revelariam históricos. Inicialmente, as manifestações eram convocadas por um movimento social formado em sua maioria por estudantes de esquerda que lutavam pela gratuidade do transporte público. À medida que cresciam, porém, os protestos se tornaram uma massa amorfa de insatisfação, com as mais diversas pautas.

Às vésperas de um dos maiores protestos, lancei um vídeo no meu canal com o título “MUDA BRASIL”, convocando todos os meus seguidores a sair às ruas. Eu gritava contra o PT e a presidenta Dilma, ofendendo sua gestão de todas as formas possíveis. A repercussão foi grande, e milhões de pessoas foram inflamadas por aquele mesmo ódio que eu sentia. Muitos outros influenciadores também convocaram seu público para os atos, porém o principal responsável pela divulgação foi o boca a boca. Fui com uma máscara do filme *V de Vingança*, acreditando lutar para tirar aquela esquerda nojenta do país para sempre.

As ruas ficaram abarrotadas. A polícia foi acionada. Grupos mais radicais utilizavam-se da tática *black bloc* para atacar e vandalizar estabelecimentos. A tropa de choque tomou as ruas. Era um verdadeiro cenário de guerra.

Precisei fugir de cassetetes e balas de borracha, muito spray de pimenta passou perto do meu rosto. Das ruas e das janelas, as pessoas gritavam: “VEM PRA RUA! VEM PRA RUA!”.

Elas pareciam movidas a ódio. No ar, uma sensação de revolta generalizada, diferentes grupos defendendo diferentes pautas, às vezes contraditórias entre si. Havia gente de direita, de esquerda e muitos outros sem identificação clara, até apartidários. Alguns gritavam pelo fim da corrupção do PT, ou contra os gastos com estádios para a Copa do Mundo de 2014, que se aproximava. Outros protestavam contra o oligopólio da Rede Globo. Outros, pela melhoria dos serviços públicos, como hospitais e transporte público. Havia um único consenso: as pessoas queriam mudanças. Era um ódio como eu jamais tinha visto, e que parte dos manifestantes e eu dirigíamos ao PT. Eu tinha certeza de que estava do lado certo dos protestos.

Em teoria, a aprovação ao governo petista era positiva. Embora tenha havido erros graves, em onze anos o Brasil passara da 14ª para a sétima maior economia do mundo,¹ com projetos de distribuição de renda e de combate à fome. Em 2013, a taxa de desemprego alcançara o menor valor em onze anos,² a inflação anual de 2012 havia ficado em 5,84% (inferior à de 2011)³ e o PIB havia crescido 0,9%, número depois revisto para 1,9%.⁴ Eu não admitia — e não era o único — essas conquistas, porque a situação do país não era tão boa na prática. Parecia haver um descompasso com a realidade que vivíamos no dia a dia. Eu e milhões de brasileiros insatisfeitos julgávamos que a qualidade dos serviços públicos não acompanhara o aumento de renda e que a classe política parecia acomodada. Notícias sobre corrupção pipocavam.

Qualquer conquista positiva do governo eu atribuía à sorte, sobretudo a descoberta de mais petróleo. Quando era confrontado com algum feito extraordinário do PT, como os programas de inclusão que ofereceram a milhões de jovens pobres a oportunidade de seguir um curso superior, eu respondia com um bordão que havia aprendido na direita: “Aham, tá bom, mas quem paga essa conta?”. Ou pior: “De que adianta colocar os jovens na universidade se é a gente que tem que pagar?”. Tudo o que a população pede ao governo é saúde e educação... Como eu poderia retrucar àquela pergunta? Eram questionamentos totalmente equivocados. Mas esse é o método da direita: quando o governo faz algo que beneficia o povo, gritam “MAS QUEM PAGA A CONTA?”. É sempre igual.

Tampouco ajudava nessa dinâmica a pressão da elite econômica. Não é segredo que mais de 60% de toda a riqueza do país se concentra nas mãos de 1% da população.⁵ Ou seja, sobra menos de 40% para compartilhar entre os 99% restantes.⁶

Apesar de Lula ter feito o máximo para agradar aos banqueiros e bilionários do país, o mesmo não podia ser dito de Dilma, que era muito mais linha-dura e tinha infinitamente menos jogo de cintura. Mas a presidenta era combativa, não levava desaforo para casa, e, segundo pessoas queridas que conheci anos depois e integraram o governo dela, absolutamente incorruptível.

Muitos defendem que Lula foi o maior presidente da nossa história justamente por sua habilidade política de operar em consonância com a oposição e o grupo 1% mais rico, valendo-se desse poder político para criar os programas sociais que mudaram o país. Contudo, essa manobra foi interpretada por outros tantos como corrupção, tipo fazer vista grossa para crimes praticados ou fechar alianças com poderosos políticos sabidamente corruptos. Por tudo o que apurei, Dilma não tinha essa característica. Não tolerava, não fazia vista grossa, não permitia, ou pelo menos tentava ser assim a maior parte do tempo.

Conclusão? Os grandes oligopólios, banqueiros, os donos da mídia e as pessoas mais poderosas do país acumularam verdadeiro ódio a Dilma Rousseff. E, por anos, atacaram o PT de todas as formas possíveis, moldando a opinião pública por meio do noticiário, sempre destacando tudo de negativo, repetidamente, o tempo inteiro. Se a passagem do metrô aumentava, era culpa do PT. Se havia crise internacional, a culpa era do PT. Se um avião caísse, a culpa só podia ser do PT. Ora, a sua mãe faleceu? Se o PT não estivesse no poder, o hospital público seria muito melhor e isso jamais teria acontecido. Aliás, também era culpa do PT que não houvesse hospitais em número suficiente, isso porque o partido havia decidido gastar em obras de estádios para a Copa do Mundo de futebol de 2014.

Havia problemas? Sem dúvida. Escândalos de corrupção envolvendo representantes do partido eram os principais. O tempo todo vinha à tona uma notícia de corrupção protagonizada por algum integrante do PT, o que ajudou a criar a narrativa de que o Partido dos Trabalhadores era o mais corrupto da história não só do Brasil, mas do mundo.

Em retrospecto, parece inegável que em geral a grande mídia carregou nas tintas, deu pouca importância ao contraditório, a contextos específicos e

à história. Forjou uma narrativa maniqueísta que, ao demonizar o PT, se mostraria bastante perniciososa para a política brasileira.

Para a sorte dessa turma da direita (e azar do povo brasileiro), Dilma também cometeu graves erros, sobretudo no fim de seu primeiro mandato e início do segundo, afundando o país numa grave crise econômica. Era o que faltava para cristalizar o ódio da parcela da população que manifestava cansaço com as instituições políticas vigentes e uma frustração generalizada.

Outro ponto que prejudicava o governo petista aos olhos da opinião pública era o ótimo relacionamento que seus representantes mantinham com ditadores de esquerda, como Hugo Chávez e Fidel Castro, mesmo sob o risco de serem interpretados como seus iguais. Sendo o medo do comunismo o maior combustível da direita, essa relação do partido com ditadores favorecia o discurso inflamado de que o sonho de Lula e Dilma era transformar o Brasil numa ditadura comunista.

Além disso, os gastos com a Copa do Mundo de 2014, amplamente alardeados, colaboraram para massacrar a imagem do governo — de fato, as despesas com obras foram faraônicas. Porém, para a grande mídia pouco importava que o mesmo evento representaria uma injeção de 142 bilhões de reais na economia.⁷ Praticamente só o que saía dos cofres públicos era noticiado.

Não quero atacar ou questionar o papel da imprensa, que trabalha jogando luz no que se desconhece ou é escuso, sobretudo quando o assunto é de interesse de toda a sociedade. Depois do que vivemos nos últimos anos, ficou mais do que provado que a existência de uma imprensa livre é essencial para a democracia, e devemos continuar lutando por ela. Por outro lado, ela não está isenta de críticas. Hoje, é possível ver que a mídia não atuou com imparcialidade ao noticiar os acontecimentos. O mesmo ocorreu à época da corrupção das empreiteiras (empresas de construção, como a Odebrecht), que todo mundo sabia que funcionavam como uma máfia. A ruidosa cobertura dada às negociatas ligava-as ao governo petista. Essa máfia, porém, não era uma novidade: ela havia surgido décadas antes, durante a ditadura militar.⁸

Nenhum presidente enfrentou o poder das empreiteiras, mas o que saltava aos olhos era que a bola da vez era o PT, então a culpa só podia ser do partido. A comunicação institucional da esquerda brasileira perdia território,

a passos largos, para um ódio descomunal alimentado por uma elite controladora, manipuladora e sedenta de poder.

Em 2013, fui às ruas tomado de um ódio que jamais sentira na vida.

Esse mesmo ódio parecia ter estimulado outras pessoas, que em geral não se envolviam em manifestações públicas. Era o germe do renascimento da extrema direita brasileira, mas poucos conseguiam vislumbrar essa gestação. Havia quem pedisse a morte de Lula e Dilma, quem gritasse que a esquerda era o câncer do mundo e iria transformar o Brasil numa ditadura comunista. Faixas pediam intervenção militar!

Não, com essa reivindicação eu não conseguia concordar. Sempre fui opositor ferrenho a qualquer tipo de ditadura. Jamais, sob nenhuma hipótese, me alinharia a um golpe militar. E se pessoas de direita eram a favor, será que eu era mesmo de direita?

Naquele cenário de puro ódio, uma dúvida se instalou na minha cabeça. O que era, afinal, esquerda? O que era direita? Onde eu estava nessa polarização? Será que eu entendia mesmo de política, do que estava acontecendo à minha volta?

Bem, ali tudo ficou claro. A resposta era, obviamente, “não”.

Quase todos os intelectuais que eu admirava se identificavam com a esquerda (como esquerda e direita dependem do recorte na linha do tempo, eu me refiro ao final do século XIX até o XXI). Albert Einstein escreveu *Por que o socialismo?*. José Saramago integrou o Partido Comunista Português. Marie Curie foi precursora do feminismo. E muitos outros, como Stephen Hawking, Jean-Paul Sartre, Martin Luther King Jr., Frida Kahlo, Oscar Wilde, Liev Tolstói, Fiódor Dostoiévski, Paulo Freire, Malcolm X. Eu ficava desacorçoado. E olha que eu não conhecia Noam Chomsky ou Eduardo Galeano.

Esse alinhamento dos intelectuais que eu admirava me incomodava demais. Como aqueles gênios não enxergavam que a esquerda era, afinal, o mal do mundo? E, para piorar, os grandes nomes da direita eram pessoas pelas quais eu não tinha o menor apreço: Ronald Reagan, Winston Churchill, Margaret Thatcher...

Sempre que se condenava a esquerda, vinham à baila as ditaduras para justificar o “lado sombrio da Força”. Hugo Chávez, Fidel Castro, Nicolás Maduro, Ióssif Stálin. Nesses momentos eu me sentia manipulado, uma vez que a direita tinha dado ao mundo ditadores como Augusto Pinochet, no Chile; Jorge Rafael Videla, na Argentina; Gregorio Álvarez, no Uruguai; Alfredo Stroessner, no Paraguai; Alberto Fujimori, no Peru; toda a ditadura militar no Brasil — eu ainda não tinha lido *As veias abertas da América Latina*. Tudo isso sem considerar Hitler, Franco e Mussolini.

O que aquilo me dizia, de maneira clara, era que os extremos não me agradavam. Por absoluto repúdio a qualquer regime antidemocrático, eu não era capaz de experimentar nenhum grau de admiração pela extrema direita ou pela chamada extrema esquerda. O problema era que, a vida inteira, eu havia acreditado que só existia uma esquerda, a extrema, radical. E, pelo visto, aquilo também não era verdade.

Comecei então a pesquisar mais, ler mais, para entender o contexto político e suas nuances. E foi com certa surpresa que me dei conta de que os valores em que eu acreditava estavam muito mais próximos da esquerda do que da direita. Quanto mais eu lia, mais descobria que tudo aquilo que eu havia aprendido a refutar me despertava simpatia. Cota para pessoas negras em universidades, por exemplo, era uma política de inclusão social incrível e necessária para qualquer país com um histórico racista e escravagista. O Bolsa Família não era um meio de comprar votos, mas uma forma de distribuir renda e acabar com a miséria do país, até porque era impossível alguém optar por não trabalhar para ganhar um auxílio governamental que só servia para não morrer de fome.

E, claro, havia a questão das minorias. O teatro havia me aproximado de homossexuais, transexuais e outros grupos da comunidade LGBTQIAPN+. Com essa proximidade, veio a compreensão de tudo que eles enfrentavam no dia a dia. Os crimes odiosos que se cometiam contra eles. E essa compreensão foi me livrando da homofobia que eu cultivara ao longo do meu crescimento, influenciado pela Igreja católica, entre outros.

Em 2010, fiz um vídeo chamando de “viadinhos” integrantes de uma banda, e disse que em breve seria crime ser hétero no Brasil. Eu não me considerava homofóbico, achava engraçado esse tipo de piada. Em 2013 fiz o vídeo “Homofobia — Não faz sentido!” condenando abertamente toda prática ho-

mofóbica e vários líderes religiosos brasileiros que endossavam o preconceito. Nunca mais postei comentários homofóbicos.

A mudança foi acontecendo gradativamente. É muito difícil dinamitar as colunas que sustentam tudo aquilo em que acreditamos, isso requer tempo, estudo e vontade. Contudo, mesmo com muita leitura, o ódio pelo PT permanecia intacto dentro de mim.

Quanto mais estudava, mais eu começava a me identificar com ideais defendidos pela esquerda, mas que agora eu associava ao “progressismo”. Eu era um progressista. Defendia os direitos humanos, a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, as cotas, os auxílios governamentais, a luta diária pela diminuição da desigualdade, a exclusão da religião em decisões político-sociais. Sob o escudo do progressismo, eu não precisava me reconhecer de esquerda. Afinal, cresci sabendo que a esquerda era um desvio de caráter, uma doença social, um câncer no mundo. Tudo bem, eu era progressista, não de esquerda.

Em oposição aos progressistas estão os conservadores, que defendem a tradição. É comum conservadores brasileiros advogarem, por exemplo, pela não intervenção do Estado na economia, mas defenderem que o Estado deve *sim* impor preceitos e valores cristãos se a maioria da população segue o cristianismo. Os conservadores no Brasil pregam mais preceitos morais, muito embora a moralidade não tenha qualquer definição específica, o que acaba resultando em uma confusão absoluta, em que um homem é capaz de gritar na rua contra um homossexual por considerá-lo imoral, mas trair a esposa com prostitutas no fim de semana.

Os conservadores tendem a defender a manutenção daquilo que consideram tradicional, como os valores associados à família — defendem os costumes e as convenções sociais. No Brasil, costumam ser “liberais na economia e conservadores nos costumes”, aplicando os princípios teóricos do liberalismo parcialmente — apenas no que diz respeito à política econômica. Buscam o encolhimento do Estado, salvo quando ele serve para salvar da falência algum bilionário, e nesses momentos são os primeiros a gritar que o Estado deve intervir.

E daí que quase todo progressista fosse de esquerda? E daí que quase todo conservador fosse de direita?

“Eu não. Eu sou só progressista”, me justificava.

As manifestações de 2013 me fizeram descobrir esse valor dentro de mim, mas, para a sociedade, serviram para uma coisa muito pior: marcaram o início da luta ativista e organizada da extrema direita e o fim de uma hegemonia da esquerda em movimentos sociais.

O tempo foi passando e eu seguia estudando os valores humanitários, e necessários, do progressismo. Lendo e pesquisando, descobri algumas mentiras em que acreditava desde criança. A falácia, por exemplo, de que “bandido bom é bandido morto”. A literatura, desde romances como *Crime e castigo*, de Dostoiévski, até um tratado filosófico como *Vigiar e punir*, de Michel Foucault, foi fundamental para pôr abaixo essa e várias outras concepções. Embora essas obras não abarcassem questões entranhadas no sistema penitenciário brasileiro, como o racismo estrutural, na época elas me ajudaram a entender que meu tio e eu estávamos muito, mas *muito* errados. Punir não era solução para nada, era apenas um paliativo para lidar com um sintoma social. Um placebo administrado em doses erradas.

Toda hora eu descobria algum equívoco em que havia acreditado a vida inteira, mas uma certeza permanecia inabalável: o PT era um câncer. O problema não era a esquerda em si, mas o partido, principalmente Lula e Dilma. Ainda que agora soubesse que a esquerda não era o mal do mundo, esses dois com certeza eram.

A Lava Jato e as eleições de 2014

Em 2014, teríamos novas eleições para presidente. Naquela época, eu ficava cada vez mais nos bastidores do entretenimento digital, sem me preocupar em gravar para o YouTube, intuindo que para mim seria melhor estar atrás das câmeras, gerindo minhas empresas.

Em março, uma grande cobertura da mídia jogou holofotes sobre a Operação Lava Jato, que acabara de ser deflagrada. Um dos primeiros acontecimentos que desencadeariam essa grande investigação remonta a 2009, quando a Polícia Federal começou a apurar um esquema de lavagem de dinheiro do qual faziam parte o deputado federal José Janene, o doleiro Alberto Youssef e o então diretor de abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa.

Era a nascente de uma cascata de descobertas no cerne do núcleo político brasileiro, culminando na operação que mudaria tudo e ganharia o mundo. O gigantesco esquema de corrupção envolvia a fraude de licitações por meio de cartel para a execução de grandes obras públicas. As empreiteiras apresentavam seus planos e orçamentos numa concorrência que, como é do jogo, deveria ser imparcial. Mas na prática não era o que acontecia: as empreiteiras pagavam polpudas propinas para os responsáveis pelas decisões, superfaturavam as obras e usavam empresas de vários segmentos diferentes para desviar o dinheiro e entregar aos corruptos.

Estavam envolvidos inúmeros políticos, a maioria do PP, do PT e do PMDB.

Estavam no esquema diversas empreiteiras.

Estavam mancomunadas empresas de todos os segmentos.

Estavam participando vários empresários poderosos.

Porém todas as reportagens que cobriam diariamente os primórdios da Operação Lava Jato destacavam um integrante: o Partido dos Trabalhadores.

Ao longo desse período, as péssimas decisões econômicas do governo Dilma cobraram seu preço e, no segundo trimestre de 2014, o Brasil entrou oficialmente em recessão. Era o início de uma profunda crise econômica, num momento em que as eleições presidenciais se aproximavam.

De um lado, Dilma Rousseff, confiante em sua reeleição, mesmo com a Lava Jato mordendo sua imagem e a do seu partido, mesmo depois que milhões de pessoas indignadas haviam tomado as ruas do país contra seu governo. Do outro lado, com o apoio de banqueiros e grandes empresários, o representante do PSDB, Aécio Neves, um político mineiro tradicional e muito poderoso.

Às vésperas do segundo turno, ninguém sabia quem seria o próximo presidente do Brasil. Alguns institutos de pesquisa davam vitória para Dilma, outros para Aécio. Era a disputa mais acirrada da história até então.

Mesmo com toda a máquina de destruição de reputações apontada para ela, Dilma venceu Aécio por 51,64% contra 48,36% dos votos.

Eu gritei de ódio.

Ainda no final dos anos 2000, Felipe Neto tornou-se um fenómeno da internet. Os seus vídeos, marcados por um tom agressivo, mas bem-humorado, eram motivados pelo ódio e criticavam indiscriminadamente bandas adolescentes, a saga *Crepúsculo*, a corrupção, partidos políticos no poder. A fórmula correu bem e ele tornou-se o primeiro YouTuber brasileiro a conquistar 1 milhão de seguidores.

No entanto, com a crescente aproximação da extrema direita ao poder e o recrudescimento de discursos de ódio contra minorias, Felipe começou a questionar as suas convicções. Onde se encaixava ele no espectro político, já que conceitos como «esquerda» e «direita» pareciam não o descrever inteiramente?

Em *Como enfrentar o ódio*, Felipe Neto retrata o seu processo de tomada de consciência política — semelhante ao de tantos milhões de pessoas — e o papel do ódio na sua vida, primeiro como força motriz da sua carreira e, mais tarde, como elemento de que ele próprio se tornou vítima.

Com uma perspetiva única sobre as redes sociais e o seu papel na manipulação dos utilizadores, e entrelaçando a sua história com os principais acontecimentos políticos dos últimos anos, o autor instiga-nos a resistir ativamente ao obscurantismo, ao retrocesso e à intolerância.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f editoraobjectiva
@ penguinlivros

ISBN 9789895832804



9 789895 832804 >